



Onde haja trevas, que eu leve a luz.

São Paulo, SP - Ano I N. 1 Agosto - Outubro 2011

30-8-2011

SOLENIDADE DE POSSE

COLABORADORES

NESTA EDIÇÃO:

YVONNE CAPUANO
PG. 3

PAULO NATHANAEL PEREIRA DE SOUZA
PG. 4-5

ADOLFO LEMES GILIOLI
PG. 5,8,9

LÁZARO JOSÉ PIUNTI
PG. 5-6,19

LUIZ GONZAGA BERTELLI
PG. 6,12

HELIO BEGLIOMINI
PG. 6-7,13

RUY MARTINS ALTENFELDER SILVA
PG. 7,19

PAULO CINTRA DAMIÃO
PG. 8-9

CAROLINA RAMOS
PG. 9,16

AFIZ SADI (IN MEMORIAM)
PG. 10

FRANCES DE AZEVEDO
PG. 10-11

CARLOS ROLIM AFFONSO
PG. 11

DOM ANTONIO MARIA MUCCILO
PG. 11

JOSÉ VERDASCA SANTOS
PG. 14

MARIA CECÍLIA NACLÉRIO HOMEM
PG. 14, 15

ANTONIO LAFAYETTE N. SILVA
PG. 16

CARLOS ALBERTO DI FRANCO
PG. 17

DÉBORA NOVAES DE CASTRO
PG. 17

GENÉSIO CÂNDIDO PEREIRA FILHO
PG. 18

ROSA MARIA CUSTODIO
PG. 18

NESTA DATA MEMORÁVEL, Paulo Nathanael Pereira de Souza, presidente da Academia Cristã de Letras (nos últimos dois biênios), entrega à sua confrreira e sucessora, Yvonne Capuano, o diploma de Presidente da ACL e recebe o diploma de Presidente Emérito da entidade.

A nova diretoria (eleita em 28 de fevereiro deste ano) celebra nesta Solenidade Festiva a posse dos novos Acadêmicos: Carolina Ramos (cadeira 22, cujo Patrono é Santo Agostinho e, o antecessor, Carlos Correa de Oliveira), Maria Cecília Naclério Homem (cadeira 25, cujo Patrono é Ruy Barbosa e, o antecessor, Sebastião da Silva Barreto), Luiz Eduardo Pesce de Arruda (cadeira 40, cujo Patrono é Gibran Kalil Gibran e, o antecessor, Afiz Sadi) e Paulo Cintra Damião (cadeira 26 cujo Patrono é o Apóstolo São Paulo e, o antecessor, Helio Falchi).

A renovação dos quadros nas instituições é que assegura a sua imortalidade, conforme as palavras de Paulo Nathanael Pereira de Souza, proferidas em anterior solenidade de posse na ACL:

Através da reposição periódica dos talentos e celebrações, que a morte inexoravelmente arrebatava, como ladra da vida que é, a serviço de Deus e seus imponderáveis desígnios, sobrevivem, para sempre, as Academias. E isso é tão verdade que, no seio desses cenáculos do pensamento, qualificam-se os Acadêmicos como imortais, não porque o sejam de fato, no plano existencial, e sim pela inevitável integração com essa condição de perenidade, que lhes assegura a participação na instituição a que passam a pertencer.

Assim, as solenidades de posse de novos acadêmicos revestem-se de um duplo sentimento: a tristeza da perda daqueles que deixaram vagas as suas cadeiras - para viver num outro plano - e a alegria da chegada de novos confrades e confreriras que trazem consigo novos talentos e a promessa de dar continuidade aos ideais de fraternidade e cultivo das letras e das artes, conforme pregam os estatutos da Academia, afixando assim a imortalidade de nossa instituição e a memória dos patronos e antecessores.

Irmanados nos mesmos ideais, saudamos os novos Acadêmicos, que, com certeza, vêm somar e trazer o melhor de si para o engrandecimento da ACL e, conseqüentemente, da cultura de nossa sociedade.



A.C.L.

DIRETORIA

Presidente:

Yvonne Capuano;

1º Vice Presidente:

Paulo Nathanael Pereira de Souza;

2º Vice Presidente:

Carlos Alberto Di Franco;

Secretária Geral:

Frances Azevedo;

1º Secretário:

Dr. Sebastião Luiz Amorim;

Tesoureiro:

Hélio Begliomini;

Diretor de Patrimônio:

José Renato Nalini;

Diretor de Biblioteca:

Carlos Rolim Afonso;

Diretora de Publicação e Divulgação:

Rosa Maria Custódio.

Conselho Consultivo:

Adolfo Lemes Gilioli;

Ruy Martins Altenfelder Silva;

Ives Gandra da Martins;

Dom Antonio Maria Mucciollo;

Douglas Michalany.

Conselho Fiscal:

Jose Verdasca dos Santos;

Doli de Castro Ferreira;

Roberto Machado Carvalho.

(academiacristadeletras@yahoo.com.br)



EDITORA RESPONSÁVEL

(PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL):

Jorn. Rosa Maria Custódio

CONSELHO EDITORIAL

Presidente:

Yvonne Capuano

Membros:

Adolfo Lemes Gilioli

D. Antonio Maria Mucciolo

Douglas Michalany

Helio Begliomini

João Monteiro de Barros Filho

Luiz Gonzaga Bertelli

Ruy Martins Altenfelder Silva

Paulo Nathanael Pereira de Souza

REDAÇÃO E CONTATO:

Rosa Maria Custodio

Arthur de Azevedo, 419

05404-010 - São Paulo - SP

rosamaria@carregosa.jor.br

(11) 3569-0185 ou 8499-1177

APOIO TÉCNICO:

SISTEMA ANTARES DE COMUNICAÇÕES

APOIO GRÁFICO:

ORGANIZAÇÃO MONTEIRO DE BARROS

Tiragem: 3.000 exemplares

EDITORIAL

INICIAMOS A PRIMEIRA EDIÇÃO DO JORNAL DA ACAdemiA cristã de LetrAs com a celebração festiva de posse da nova diretoria, sob o comando da Acadêmica Yvonne Capuano. E aproveitamos para dar as boas vindas aos novos Acadêmicos: Carolina Ramos, Maria Cecília Naclério Homem, Luiz Eduardo Pesce de Arruda e Paulo Cintra Damião!

Na terceira página, a presidente expõe os objetivos que pretende alcançar em sua gestão e enfatiza o papel deste informativo como instrumento capaz de dinamizar as relações entre os Acadêmicos, promover o intercâmbio de ideias e servir de canal de expressão para mostrar à comunidade o trabalho criativo dos membros da ACL.

Nas páginas seguintes (4 à 9), com textos de Acadêmicos da ACL, destacamos os fundamentos que regem as Academias, especialmente a cristã de LetrAs: consolidar e promover a língua pátria, buscar e promover a ética, ser atuante na transformação cultural, edificar o conhecimento, cultivar as tradições, preservar a história, realçar o papel do acadêmico perante a sociedade, e, ainda, a função dos discursos acadêmicos.

Nas páginas 10,11 e 18, registramos impressões e pensamentos de nossos Acadêmicos, em momentos especiais de suas vidas, relacionados com suas visões de mundo e experiências, enquanto membros da ACL.

A questão da Língua Pátria, muito discutida nos dias atuais, também ocupa lugar especial nesta edição (pg. 12 à 17), com a manifestação oportuna, sincera e transparente de nossos Acadêmicos.

Na página 19, registramos a opinião de nossos escritores sobre aspectos da realidade política nacional e a questão do mau uso dos recursos públicos, em detrimento da educação e outros serviços essenciais.

Reservamos o espaço da página 20 para apresentar a história de sucesso e exemplo de trabalho persistente do Jornalista e Acadêmico, João Monteiro de Barros Filho, fundador e presidente do jornal O DIÁRIO, da cidade de Barretos, e do canal REDE VIDA de televisão. É uma maneira modesta de agradecer ao apoio que ele concede à ACL, custeando a impressão gráfica desta primeira edição.

Como editora, e integrante da ACL, agradeço: ao presidente emérito, Paulo Nathanael Pereira de Souza, pela indicação de meu nome para a Diretoria de Publicação e Divulgação; à presidente Yvonne Capuano pela aprovação do projeto e incentivo na produção deste Informativo; aos confrades que colaboraram (direta e indiretamente) com seus textos para que o JORNAL DA ACAdemiA cristã de LetrAs ganhasse vida e iniciasse sua trajetória dentro de nossa História.

Que este Informativo possa se tornar imortal, ou seja, nos acompanhar ao longo do tempo e ir além, para cumprir com sua finalidade de registrar os trabalhos e atividades dos Acadêmicos da ACL (de ontem, de hoje e de amanhã) e assim contribuir para o progresso cultural de nossa sociedade. Que ele possa ser um veículo de integração, de boa informação e que proporcione momentos agradáveis de boa leitura!

Rosa Maria Custodio

A PALAVRA...

YVONNE CAPUANO*
yvonnecapuano@uol.com.br

TENDO ASSUMIDO A PRESIDÊNCIA da Academia Cristã de Letras, tratei de verificar em que aspectos poderia contribuir para que esta nobre e tradicional entidade continuasse a cumprir sua missão de congregar parcela importante dos que se dedicam ao cultivo da palavra, numa época marcada por injunções contrastantes: de um lado, a extrema velocidade dos meios de comunicação, graças aos avanços tecnológicos, e, de outro, o pouco ou nenhum cuidado com os conteúdos ou com o estilo, como se no chamado mundo virtual a palavra tivesse papel secundário e pudesse ser tratada com desleixo.

Uma publicação periódica, na forma despreziosa de boletim informativo, afigurou-se-me instrumento capaz de dinamizar as relações entre os acadêmicos, servindo ainda de canal de expressão àqueles que não podem comparecer às reuniões da Academia – estas, sim, espaço privilegiado para a livre manifestação de opiniões. Mas o boletim teria também, a meu ver, outra função: a de mostrar à comunidade (sobretudo aos acadêmicos de outras congêneres) seu perfil, suas atividades e o produto do trabalho criativo de cada um de seus integrantes, fazendo valer o princípio da transparência, que hoje é dominante em todas as esferas sociais, e promovendo um necessário e saudável intercâmbio de ideias. Na gestão que ora se inicia, e para a qual conto com a colaboração de todos, gostaria de proporcionar uma maior visibilidade à Academia, seja por meio de um órgão que lhe sirva, periodicamente, de porta-voz, seja por meio de uma publicação que,



reconstituindo a trajetória histórica da entidade, acolha não apenas os dados biográficos dos acadêmicos e seus patronos, mas também as saudações e os discursos pronunciados nas solenidades de posse. Só assim teríamos uma verdadeira plataforma para alçar voos mais altos, editando trabalhos monográficos em livros e revistas.

Aproveito a oportunidade do lançamento desta publicação, para agradecer a todos que, com seus votos, me conduziram ao presti-

gioso cargo de presidente da Academia Cristã de Letras. Procurarei honrá-lo da melhor maneira possível.

**Ex-presidente da Academia Paulista de Medicina, membro da Academia Paulista de História, da Associação Paulista de Medicina; presidente do Programa Educacional Capuano; conselheira da AACD, CIEE, CIESP, FIESP, ADVB, etc. Fundadora do MMV (Movimento Mulheres da Verdade).*

(CIEE / reunião ACL, abril/2011)

O PAPEL DAS ACADEMIAS

CONSOLIDAR E PROMOVER A LÍNGUA PÁTRIA

Paulo Nathanael Pereira de Souza*

“Existem as academias para as cerimônias de consagração e da celebração dos talentos provados, das obras consagradas e das contribuições incomparáveis, do espírito, sobretudo no que diz respeito à língua e ao pensamento. Foi com essa intenção que Richelieu, em França, oficializou em 1634 o cenáculo dos doze, liderado por Conrart, posteriormente elevado a quarenta, pelos estatutos baixados pelo rei Luiz XIII, que, como todos os seus sucessores, acabaria por ser o presidente de honra da instituição. E sempre com esse feito: consolidar e promover a qualidade da língua francesa. Nasce daí o princípio da imortalidade, ou seja, a insubstituibilidade dos acadêmicos, homenageados com o título vitalício de membros da Academia, e se coloca o dever primeiro de cada qual, que vem a ser A DEFESA DA LÍNGUA, NA SUA FORMA ESCRITA MAIS ERUDITA E CLÁSSICA, DADO O FATO DE SER ELA O ESPELHO DA NAÇÃO E O ESCRÍNIO POR EXCELÊNCIA DA CULTURA NACIONAL.

BUSCAR E PROMOVER A ÉTICA

“Refletindo sobre o momento crítico em que vivem o Mundo, em geral, e o Brasil, em particular: ambos parecem ter perdido a bússola do seu destino, que em última análise se deveria traduzir no anseio humano da busca permanente da felicidade de viver, para se entregar aos descaminhos de um convívio marcado pela violência e o conflito, com vistas mais à morte do que à vida; ao sofrimento do que à alegria; ao desentendimento do que ao consenso; ao endeusamento dos bens materiais em prejuízo dos valores do espírito; enfim, à priorização do relativismo em face dos absolutos, estes sim, capazes, pela força divinizatória que é a sua razão de ser, de impulsionar a humanidade à superação de suas misérias e sofrimentos. O bem, a justiça, a verdade, a beleza, a generosidade e outros insumos da felicidade têm dado lugar a seus simulacros e suas patologias conceituais, o que vem tornando cada vez mais confuso o entendimento dos homens, no que diz respeito ao seu destino e à sua missão nesta efêmera vida planetária.

Em razão disso tudo, a ética, que é desde sempre

o guia comportamental da humanidade, parece ter deixado de presidir a relação entre pessoas e grupos, para dar lugar ao oportunismo, ao carreirismo, ao mau-caratismo e ao imediatismo, que se impuseram como protótipos comportamentais da modernidade. A verdadeira ética, que parte do princípio segundo o qual os fins nunca justificam os meios, hoje se vê traída o tempo todo pela inversão de sua natureza, pela versão segundo a qual os fins sempre justificam os meios. Eis aí a causa última de todos os totalitarismos da atualidade, de todas as guerras por razões econômicas e políticas, de todos os procedimentos desonestos e homicidas, que ensangüentam as manchetes dos jornais. Basta ter em mente os crimes políticos cometidos ao longo de século XX, um dos mais cruéis da História humana. O holocausto judeu, promovido por Hitler, vitimou seis milhões de pessoas; os *gulags*, de Stalin, produziram vinte milhões de cadáveres, além da soma dos vitimados pelas duas grandes guerras mundiais e todos os expurgos ideológicos havidos na face da terra e ocasionados pela ambição de poder de grupos de celerados, travestidos de salvadores da pátria e da civilização.

A Ética, que sempre foi o instrumento moderador dos impulsos selvagens do ser humano, movido desde a origem da espécie basicamente por interesses e vaidades, deixou de sê-lo, para permitir o uso, nas relações interpessoais, de um desbragado e avassalador egoísmo individualista, conducente a todos os desacertos semeados à nossa frente.

A ÉTICA, NASCIDA NO PENSAMENTO GREGO, FORTALECEU-SE PELAS MENSAGENS DE CRISTO SOBRE A NECESSIDADE DE O HOMEM AMAR AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO, RESULTANDO NA MÁXIMA DE NÃO FAZERMOS AO PRÓXIMO O QUE NÃO QUEREMOS QUE SEJA FEITO A NÓS MESMOS.

Contudo, esse preceito apresenta-se, hoje, gravemente enfermo, ao desprezar os valores inerentes à sua própria etiologia e dar curso ao predomínio dos instintos mais primitivos e caóticos na tomada de decisão pelos poderosos, bem como no convívio diário do homem comum.

Eis porque é ainda mais urgente a missão de organizações como a AcAdemiA cristã de Letras – sobretudo dados os seus compromissos de raiz – pela busca constante do restabelecimento, entre os humanos, do comportamento ético essencial, ou seja, aquele proclamado por Cristo e assimilado aos deveres de todos quantos aspirem pela paz e pelos benefícios do humanismo construtivo. Que os autores, membros da ACL, se valham da

oportunidade desta ocasião festiva e de compromisso, para, por meio de seus escritos e suas atuações diversas no meio em que vivem, reforçarem exemplarmente a retomada da prática da Ética. E, desse modo, ajudar o Brasil, e por conseguinte o mundo, a reencontrar os princípios e valores, que os reconduzirão aos caminhos desejáveis para a solução dos problemas que vêm desafiando a todos. Essa, inclusive, poderá vir a ser a mais instigadora ação da diretoria, que ora se empossa.”

**Presidente Emérito da Academia Cristã de Letras, presidente da Academia Paulista de Educação, membro da Academia Paulista de História, Brasileira de Educação, Brasileira de Filosofia e Linense de Letras. (In: discursos proferidos em Solenidades de Posse. Abril de 2009)*

SER ATUANTE NA TRANSFORMAÇÃO CULTURAL

Adolfo Lemes Gilioli*

“TEMOS ASSEVERADO O QUÃO IMPORTANTE É A PRESENÇA ATUANTE DAS ACADEMIAS DE LETRAS NOS DIAS ATUAIS, QUANDO ASSISTIMOS, ATÔNITOS, O DESCASO QUANTO AO USO DA PALAVRA ARTICULADA OU ESCRITA. É IMPERDOÁVEL A FALTA DE CONHECIMENTO DE ALGUNS POLÍTICOS OCUPANTES DE ÓRGÃOS REPRESENTATIVOS, QUE SE VALEM DE PALAVRAS VULGARES, DE BAIXO CALÃO E ERRADAS.

Temos saudades do tempo em que a escola era o fator social mais importante no setor educativo. Ela agia sobre o aluno e seus familiares, aconselhando-os e ensinando novos costumes e, principalmente, a pureza da linguagem. O tempo passou, a escola parou; em muitos lugares retrocedeu. Enquanto isso, o rádio mal orientado, a imprensa mal cuidada e a televisão entregue a pessoas de discutível formação moral, foram crescendo e ocupando o espaço deixado pela escola. Os postos diretivos dos setores educativos têm sido, vez por outra, destinados aos que nada sabem e que não querem saber o que acontece no campo da educação e da cultura. Assim, “a última flor do Lácio inculca e bela” está cada vez mais carente de zeladores competentes.

Além disso, constatamos diariamente o revoar da miséria moral da maioria dos poderosos políticos de plantão. Estamos desencantados, desesperados e assustados diante do dilema. Em vez da vida digna pela qual lutamos, temos de nos defrontar com a podridão moral, que ora prevalece.

Não é preciso nenhum dom profético para ver que o futuro não se nos afigura favorável. MAS É JUSTAMENTE NESTA HORA QUE É OPORTUNO A PRESENÇA DE UMA ACADEMIA, COM SEU PODER TRANSFORMADOR DA CULTURA E SUA CRENÇA NA CAPACIDADE DE APERFEIÇOAMENTO DO HOMEM POR MEIO DO SEU DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E MORAL.

Sentimos, nestes dias, quando alguns políticos estão se “lixando” para a opinião pública, que a corrupção se institucionalizou. A corrupção se dá principalmente quando a pessoa, político ou não, está investida de uma função de poder e quer agarrar todas as oportunidades - ilícitas ou não - de enriquecer e favorecer seus familiares e amigos. Não resolvem os problemas de sua área de ação, ofuscam-se e desprestigiam-se.

Do jeito como os fatos se repetem, não vamos nem ao ponto de desejar que essas pessoas tenham dignidade; mas pediríamos, pelo menos, que renunciassem às orgias de desfaçatez e se conduzissem dentro dos limites mínimos da civilidade, do respeito à coisa pública e do acatamento das regras universais das pessoas que se pretendem razoavelmente sérias.

(...) Eis por que a presença de Academias de Letras é um lampejo de esperança, enquanto tentativa de reerguer o ser humano para a arrancada renovadora.”

**Presidente Emérito da Academia Cristã de Letras, decano do Jornalismo e ex-Presidente da Associação Paulista de Imprensa, fundador e presidente da Academia Linense de Letras. (In: discursos e publicação no Jornal da Imprensa Paulista, Nov. de 2009)*

EDIFICAR O CONHECIMENTO

Lázaro José Piunti*

Concebida do sonho idealista do filósofo PLATÃO 387 anos antes de Cristo no jardim de AKADEMOS, periferia de Atenas, a Academia assim imaginada formulou o pensamento clássico da criação das futuras universidades.

A ACADEMIA NÃO CONSTRÓI ESCOLAS. ELA EDIFICA O CONHECIMENTO.

Não lhe cabe erguer cidades, tampouco se apresta a higienização dos esgotos urbanos. Porém, repousa em si mesma a autoridade de propor à cidadania a desobstrução dos canais da ignorância. Cumpre à Academia exercer o sagrado ofício da sapiência. Em sua liturgia, coerente ao pensamento do discípulo de Sócrates, preconiza a libertação do homem das poderosas e invisíveis formas de

FUNDAMENTOS

dominação que o escravizam desde tempos longevos.

Romper com os grilhões do servilismo cultural é da essência acadêmica, na universalidade dos seus dogmas. É a figura do magistrado em pé – cumprindo ir além da vigilância na preservação dos idiomas clássicos das gentes e o registro histórico de sua origem. A Academia almeja a transcendência do belo. Valores por vezes são mutilados, mas a cultura permanece! Alternam-se seus domicílios. Tem moradia nos livros, habita bibliotecas, os murais serviram como endereço. Incólume à ação do tempo, pernitoou nas cavernas em pétreas inscrições.

A Academia é guardiã da história sócio-humana, galáxia imune aos títeres e aos múltiplos sistemas e regimes. Nutre-se do pensamento – e, sendo livre, por sua vez se alimenta do conhecimento e o expressa de várias formas, inclusive dialética.

OS MEMBROS DE UMA ACADEMIA, CONTROVERSOS DENOMINADOS IMORTAIS, EM VERDADE SÃO MENSAGEIROS DA IMORTALIDADE DAS IDÉIAS. FELIZ A URBE QUE ACOLHE E ESTIMULA O FINCAMENTO DE UMA ACADEMIA EM SUAS PLAGAS! Seu povo crescerá culturalmente à sombra da feliz cidade, comungando perenemente da felicidade.

**Membro da Academia Cristã de Letras, da Academia de Letras de Araçariguama, Academia Saltense de Letras, Academia de Letras de Iperó.*

CULTIVAR AS TRADIÇÕES

Luiz Gonzaga Bertelli*

“Nos dias hodiernos, as Academias são organizações estruturadas, voltadas ao cultivo das disciplinas literárias, científicas, artísticas e às tradições. As Academias têm o grande mérito de promover a investigação dos fatos notáveis, propiciando a colheita documental, até então desconhecida.

Por vezes, as Academias têm sido objeto de críticas depreciativas e imerecidas. Censuram-se-lhes as solenidades, os longos discursos e seu formalismo, por vezes exagerado. Mas ao lado dessas restrições, é imprescindível mencionar o seu sentido de cooperação cultural, tendo fomentado o gosto pelo exercício das letras, das artes, das ciências, das tradições e da história dos povos.

Lamentavelmente, tem-se o vezo de ridicularizar as tradições, a história, os fatos e os feitos notáveis de personagens que construíram a nação brasileira.

Esquecem que, SEM A HISTÓRIA, DESTRUÍMOS A CAPACIDADE DE DESCERRARAS CONTRIBUIÇÕES DOS VALORES PERMANENTES. SEM BIOGRAFIA, O ESPÍRITO IMEDIATISTA E O INSTINTO PREDADOR DO HOMEM DESENVOLVEM-SE MAIS CELEREMENTE DO QUE O LENTO, E QUANTAS VEZES SURDO, TECER DAS REALIZAÇÕES, COSTUMES, PRINCÍPIOS E TRADIÇÕES, QUE CONSTROEM O VERDADEIRO ALICERCE DA CIVILIZAÇÃO.”

**Membro da Academia Cristã de Letras, presidente da Academia Paulista de História. Presidente Executivo do CIEE - Centro de Integração Empresa-Escola. (In: discurso proferido em Solenidade de Posse na Academia Cristã de Letras – Biênio 2006/2007)*

PRESERVAR A HISTÓRIA

Helio Begliomini*

“Desde quando tomei posse na cadeira número 10 da augusta Academia Cristã de Letras (AcL), aos 23 de março de 2000, fui parcimoniosamente instigado a conhecer o passado deste glorioso silogeu.

Ao frequentar a sede sempre me questionava do porquê que a Galeria dos Presidentes havia sido interrompida há cerca de dezesseis anos e, com ela, parte de sua iconografia histórica. Ao propor ao presidente Adolfo Lemes Gilioli, no início de 2002, que este trabalho fosse também desenvolvido pela atual diretoria, recebi a árdua e honrosa missão de fazê-lo.

Ledo labor! Através dele pude recuperar fotografias deterioradas pelas interpéries como também acrescentar mais sete, aos cinco quadros existentes, salientando, com incontido júbilo, a obtenção do retrato do primeiro presidente, falecido, na ocasião, há mais de seis lustros (!), que jamais constara na relação e, por sua vez, desconhecido da maioria dos confrades e confreriras.

Esses dados ensejaram um crescente anelo por também recuperar a história da Academia Cristã de Letras e coligi-la de forma objetiva e sucinta.

A finalidade precípua desta obra é prestar uma singela homenagem a este sodalício de que me orgulho de pertencer, bem como ao talento de seus imortais membros.

Reúne diversos dados obtidos fielmente do material a que pude ter acesso na sede da entidade. Jamais pretendi esgotar o assunto, mas sim, ensejar um modesto ponto de partida na convergência de informações, a fim de que novas pesquisas possam complementar o desiderato de resgatar a história

dessa honrável casa de intelectuais. Há algumas lacunas que são oriundas da falta de registros nas respectivas atas das diretorias.

A crise de valores associada à crise econômica daqui e de alhures tem contribuído peremptoriamente para que membros de instituições filantrópicas e artístico-culturais sejam desvalorizados, desprestigiados e amotinados, ocasionando desinteresse e dificuldade de expressão de interação com outros segmentos da comunidade. A fim de que os ideais dos seus fundadores não definhem requer-se-à, herculeamente, remar rio acima contra todas as correntezas.

Este livro vem a lume após aproximadamente quatro anos de parcimonioso, paciencioso e perseverante trabalho. Que ele não seja julgado pelas suas ausências, que não são poucas, mas sim pela tentativa de jungir os fragmentos esparsos e sumariados da história da querida Academia cristã de Letras, tal qual uma colcha de retalhos, objetivando resgatar, enaltecer e divulgar sua ínclita memória.”

**Membro da Academia Cristã de Letras, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, (In: Introdução ao livro ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS – Tributo aos quarenta anos de História, publicado em 2007)*

ORIGENS E OBJETIVOS DAS ACADEMIAS

Ruy Martins Altenfelder Silva*

“Na história das Academias de Letras, a original foi fundada no ano 387 A.C., próxima a Atenas, pelo filósofo Platão. Era constituída de uma biblioteca, uma residência e um jardim. Nessa escola dedicada às musas, se processava um universo informal através de lições e diálogos entre os mestres e os discípulos. Platão reunia contribuições de diversos campos do saber. Seus jovens seguidores dariam continuidade a este trabalho que viria a se constituir num dos importantes capítulos da história do saber ocidental.

A Academia Francesa – que serviu de modelo à Academia Brasileira – foi fundada em 1635 com a principal finalidade de tornar a língua francesa “pura, eloquente e capaz de tratar das artes e ciências”. É responsável pela regulamentação da gramática francesa, a ortografia e a literatura.

A Academia cristã de Letras foi constituída em 14 de abril de 1967, numa reunião de

intelectuais que, como descreve o acadêmico Afiz Sadi, mostravam seus conhecimentos e sua cultura de modo avulso e aleatório, e que não se aglutinavam com agremiações já constituídas. Alguns deles, sentiram a necessidade desse convívio, do interesse pelas letras, artes, ciências, valores espirituais, e resolveram fundar uma nova Academia de Letras que se nomeou Cristã, por convicções e normas da cristandade, sob a invocação de São Francisco de Assis.

A Assembléia de Constituição ocorreu no antigo salão nobre do Clube Piratininga, com as presenças, dentre outros do meu antecessor, acadêmico Afonso Vicente Ferreira.

Adolfo Lemes Gilioli, nosso ex-presidente, em recente pronunciamento afirmou que A Academia cristã de Letras APRESENTA TODA UMA SOMA DE VIRTUDES QUE EDIFICAM O RELACIONAMENTO ENTRE AS PESSOAS DETERMINADAS PELA PREOCUPAÇÃO COM A JUSTIÇA, PRÓPRIA DOS ESPÍRITOS BEM FORMADOS E DOS HOMENS DE BOA VONTADE.

O Professor Paulo Nathanael Pereira de Souza ao assumir a atual Presidência da nossa Instituição demonstrou que o objetivo maior que a constituíram foi, antes, REUNIR NUM CENÁCULO DE CULTIVADORES DE LETRAS, AQUELES QUE AO ESCREVER, TIVESSEM SEMPRE EM MENTE, MENOS A MILITÂNCIA TEOLÓGICA E MAIS O ANCORAMENTO DE SUA INSPIRAÇÃO NOS PRINCÍPIOS E VALORES QUE EMBAÇAM O CRISTIANISMO. FILOSOFIA ESSA DE UM NOVO ESPIRITUALISMO, QUE MUDOU A HISTÓRIA, E RIDIMIU O SER HUMANO, AO OFERECER-LHE A ALTERNATIVA DA ÉTICA EM LUGAR DA VIOLÊNCIA, NO TRATO DOS PROBLEMAS E DOS INTERESSES INTERINDIVIDUAIS E INTERGRUPAIS.

Paulo Nathanael ressalta que a Academia cristã de Letras se impôs muito mais pelo significado lato de sua denominação, o que lhe permite abrigar em seu seio, ecumenicamente, tanto os autores propriamente cristãos ou de letras cristãs, como também algum outro que, cristão não sendo, por batismo e militância, produza uma obra filosoficamente identificada com os fundamentos do cristianismo.”

**Membro da Academia Cristã de Letras, Academia Paulista de História, presidente da Academia Paulista de Letras Jurídicas, presidente do Conselho do CIEE de São Paulo e do CIEE Nacional. (In: Discurso de Posse na ACL, em 2010)*



DISCURSOS ACADÊMICOS

Adolfo Lemes Gilioli

O discurso proferido por um Acadêmico traz sempre, em seu envolvimento, elementos plenos de ideologia, de conquistas e de sucessos, porém, todos com respeitáveis traços de cultura. Por ser um discurso diferenciado de vocabulário, de construções e de lances relevantes, recomenda-se um cuidado especial por ocasião de seu preparo.

A posse de um acadêmico é um acontecimento grandioso, prestigiado sempre por intelectuais de renome e por altos representantes dos poderes executivo, legislativo e judiciário, razão bastante para que se evite a possibilidade de ocorrência de qualquer lamentável imprevisto. O discurso de improviso, por exemplo, não é aconselhável, tendo em vista que não é planejado. Não tem hora para terminar. Geralmente divaga abordando assuntos fora do tema. É freqüente perceber, ouvindo um improviso, o contrário daquilo que o orador pretendia dizer. Comumente, os discursos de improviso extrapolam o tema em tela. O improviso é uma armadilha perigosa. Nele só incorrem os eruditos estressados, sobrecarregados de compromissos.

Demóstenes, o maior orador da antiguidade, não tinha pejo de confessar que preparava com todo escrúpulo, as suas famosas orações políticas. Quem proferiu a sua arenga contra Midas, afirmou espontaneamente: “Declaro-vos, atenienses, que meditei muito e não tenho dúvida alguma em confessar que o meu discurso foi preparado com o maior cuidado. Considerar-me-ia indigno se, durante a série de pendências que tenho sustentado e sustentarei, desprezasse o estudo prévio do que a tal respeito tenho a dizer.”

Cícero, segundo nos relatam os historiadores, levava longos tempos a compor, a emendar e a burilar os seus discursos. E César Augusto, por ser varão de poucas falas, nunca discursou no Senado, ao Povo, nem ao Exército, se não levasse sua peça oratória antecipadamente estudada.

De fato, o discurso escrito requer mais exatidão de raciocínio. Ao escrevê-lo, o orador tem mais chance de embelezá-lo, de fazê-lo mais sucinto, mais exato, bem como de encontrar a expressão que combina com o ambiente, a substância oral que se adapta amplamente à circunstância e o verbo que consegue penetrar na alma. Colocar no papel os pensamentos enseja ao indivíduo fazê-lo de modo mais claro e preciso, expressando bem o seu raciocínio com a tão recomendada objetividade.

O certo é que escrevendo, revendo, burilando e

suplementando, o orador poderá conseguir uma sequência mais ordenada dos fatos, conferindo-lhe uma impressão mais unificada e harmoniosa. O orador que sabe o que falar, medita, raciocina e esquematiza o exórdio, a exposição, a peroração, escolhe o estilo e evita os lugares comuns. E se, no final, toda essa operação não for escrita, não teremos como preservar o pensamento desse Acadêmico ou Acadêmica.

A posse de um acadêmico é um momento único e distinto; é de uma sensibilidade especial. Essa inesquecível ocasião merece um discurso para ficar na história do Acadêmico e da Acadêmica, cuja lembrança, no futuro, será de grande valor para os amantes de preciosidades culturais permanecidas no tempo como referencial de uma época. Falar sobre o patrono da cadeira e daqueles que anteriormente a ocuparam, tem o sabor de homenagem aos expoentes do saber de outras eras. A leitura do discurso tem, também, o efeito de dar ao cerimonial a segurança de seu conteúdo, evitando constrangimento que, algumas vezes, oradores empolgados acabam criando com adendos improvisados.

Por ser rico de ensinamentos, o discurso do Acadêmico é sempre requisitado pela imprensa, bem como deve ser catalogado e arquivado, o que não acontecerá se for um improviso, mesmo porque quando consegue ser reconstituído, quase sempre apresenta imperfeições e, às vezes, até contradições. Tudo o que foi dito, com relação ao discurso do Paraninfo, vale para o discurso do Paraninfo.

OBJETIVOS ACADÊMICOS

Paulo Cintra Damião*

Nossa querida Academia, como outras, tem a finalidade primordial de reunir, mensalmente, seus membros efetivos para conagração e troca de ideias.

Toda Academia deve servir para que seus integrantes façam palestras e prestem informações úteis sobre o meio literário em geral, dentro de seus objetivos. As palestras transmitem conceitos e informações que enriquecem a todos. Por outro lado, a troca de conhecimento e idéias permite a saudável participação de seus membros. Dessa forma, aprendemos uns com os outros.

Os Acadêmicos devem ter formação universitária regular em uma ou mais áreas de todo o conhecimento humano.

As Academias devem procurar obter respeitável reconhecimento da sociedade em que estiverem inseridas. Além de tudo, também devem preservar o uso da norma culta nos textos e nas palavras,

defendendo arduamente o uso correto da língua portuguesa.

**Membro da Academia de Cristã de Letras, Academia Paulista de Jornalistas, Paulista Evangélica de Letras, Sociedade de Poetas Mineiros e Afins (Caxambu-MG) e da Ordem Nacional de Escritores, entre outras entidades.*

SER ACADÊMICO

Adolfo Lemes Gilioli

“Não são poucas as pessoas que gostam de ser chamadas ou tidas como ACADÊMICAS pelo fato de terem sido convidadas ou eleitas para ocupar uma das tão disputadas cadeiras de uma Academia. Quantos desses acadêmicos, contudo, fazem jus a esse honroso posto? Que fração desse grupo tem real aptidão e gosto para esse tipo de atividade?”

O termo ACADÊMICO consagrou-se exprimindo a distinção daquele que faz parte de um corpo seletivo voltado essencialmente para o cultivo da filosofia. Autêntico centro para a livre discussão de temas elevados. Genuíno cenáculo do saber teórico onde, desde Platão nos jardins de Academo, em Atenas, mestres e discípulos amantes do saber reuniam-se, confabulavam e discutiam, preocupados unicamente com a verdade e a busca do porquê das coisas e da realidade circundante.

Séculos depois, na Idade Moderna, com o advento do Humanismo Renascentista, o termo ACADEMIA passou a designar confrarias puramente literárias, artísticas ou científicas, com seus membros que se dedicavam ao cultivo das letras, da música, das ciências, das formas, das cores, etc. Ser ACADÊMICO, hoje significa empenhar-se em promover e incentivar o amor pela arte, em seu sentido mais amplo, num processo contínuo de estudo, aprimoramento, divulgação e, também, de combate às investidas daqueles que, por diversas razões, tentam banalizá-las.

O aspirante a uma de suas cadeiras não pode ignorar a natureza platônica de uma Instituição Acadêmica. Ser Acadêmico significa ser um estudioso dotado de espírito filosófico, universal e crítico, sempre pronto a rever suas verdades. É inaceitável que o postulante ingresse com outros interesses, visando a objetivos imediatos e menores, pois destoaria do todo, no qual predomina o intercâmbio harmonioso entre todos os confrades, essencial para o bom desenvolvimento dos trabalhos e para a plena realização daquilo que se propõe.

No caso da Academia cristã de Letras, em especial, o próprio nome denota sua característica essencialmente cristã. Ainda que sua carta magna não interfira na liberdade intelectual, religiosa e política de seus membros, devemos estar sempre atentos e prontos a combater toda e qualquer tentativa de infiltração de

doutrinas obscuras e vazias em nosso meio.

A Academia cristã de Letras proclama a liberdade de pensamento e de manifestação escrita ou falada; recomenda a crítica construtiva, bem como o louvor inteligente. O senso do próprio valor é obtido mercê daqueles que ali se reúnem e constituem um aconchegante universo.

Na Academia cristã de Letras o acadêmico se sente confortável, tendo em vista o harmonioso intercâmbio que desfruta com os demais confrades.

A Academia cristã de Letras jamais esboça a pretensão de ser dona da verdade. Seus membros, os acadêmicos, humildemente refletem acerca de tudo o que os rodeia e sabiamente plantam na alma a esperança e a certeza de um porvir alvissareiro”.

(In: Academias e Discursos de Acadêmicos, Editora Martin Claret, 2001.)

O PAPEL DO ACADÊMICO PERANTE A SOCIEDADE

Carolina Ramos*

O Acadêmico é aquele estudioso e dedicado cultor das letras que, por sua atuação e ascensão no meio literário, consegue, a certa altura, suplantando os degraus de uma Academia, conquistando a honra de ser eleito para ocupar uma de suas Cadeiras. Daí para frente, crescem, perante a sociedade, os seus deveres e as suas responsabilidades, em todos os sentidos e, principalmente, dentro do setor em que milita, uma vez que, por ordem natural, passa a ser olhado como paradigma por quantos se iniciam nesse ramo de atividade, acalentando a esperança de um dia chegar aonde ele chegou.

Minha Posse na ACL de São Paulo acontece neste dia 30 de agosto. Até o momento, minha participação acadêmica constou apenas do comparecimento às reuniões mensais, maio, junho e julho. Aos poucos, deixo de me sentir uma “estranha no ninho”, já que o acolhimento dos Acadêmicos que me antecederam tem sido dos mais cordiais, inclusive com referência aos meus apertes e trabalho apresentado de repúdio as programadas agressões à nossa Língua Pátria, com aprovação do MEC. Valho-me do ensejo para agradecer, a todos, o calor humano que oferecem a esta nova Confreira, que muito se honra da carinhosa acolhida, esforçando-se, o quanto possível, para aproximar-se dos méritos daqueles que a cercam.

**Membro da Academia Cristã de Letras, presidente da União Brasileira de Trovadores (Santos-SP), do Conselho Nacional da UBT, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santos-SP, entre outras entidades.*

REGISTROS

VI, SENTI E OUVI...

Afiz Sadi*
(in memoriam)

“Militando na Universidade Brasileira durante dois quartéis de século, vi, senti e ouvi grandes professores, conferencistas, políticos e cidadãos de cepa invejável e inimitáveis na sua postura, na sua elegância, no seu linguajar e na sua grandeza. O mundo mudou, ou os tempos mudaram e, com eles, então, os homens se transformaram; perderam aquela postura de dignidade, a eloquência admirável, a retórica irreprimível, e o saber, esse difícil repositório de toda uma vida de leitura e estudos. Tudo isso foi substituído por uma maquinaria infernal, por arreios jungidos ao ser humano que vão levar-nos a um mundo sem fim. Não há mais, em tese, o respeito, a hierarquia, a ética, e o culto aos nossos maiores. Sente-se saudade dos tempos idos e daquela felicidade e esperança de outrora, mas, sem pieguice dir-se-ia que “a felicidade é uma figura nebulosa feita de retalhos; um retalho do impalpável, outro do improvável, outro do invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação”.

Não é hora da saudade, porém um alerta sobre os tempos hodiernos em que a quantidade sobrepuja demasiadamente a qualidade e sob olhares contemplativos, inertes e frios dos detentores do poder. Podemos citar como corroboração o pensamento de Gibran, quando diz “a harpa cantou muitas canções tristes; corta-lhes as cordas para que delas não rebentem as lágrimas.”

PERCALÇOS DA VIDA

Quando vejo o balouçar da árvore
a chuva que cai contínua e fina
fazendo carpir a flor silente,
o verde da folha viva sorri
ao surgimento dos raios de sol.
O pássaro que pousa brusco a cata do alimento
chilreando feliz após o sustentáculo vital,
sinto a vida concertar por um momento.
Mas não sei porque sinto e vejo,
o amarelo crepitar da senil pétala,
o árido da terra em desidratante desarmonia,
o pássaro tristonho, distante da companheira,
a vida tão curta se esvaindo,
o crepúsculo obscurecendo a retina,
o desinteresse da circunjacência tibia,
o apagar das luzes num instante.
Então não sei porque vim ao mundo
tampouco porque vivi e porque vivo ainda.

*Ex-presidente da Academia Cristã de Letras, da Academia Paulista de Medicina, Associação Paulista

de Medicina, entre outras entidades, algumas das quais é fundador. (In: Academias e Discursos de Acadêmicos, de Adolfo Lemes Gilioli – Editora Martin Claret, 2001.)

PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS DA
DOCTRINA CRISTÃ

Frances de Azevedo*

Tal título encima a publicação, pela ACAdemiA cristã de LetrAs com apoio institucional do CIEE e Academia Paulista de História, de meu discurso de posse na Cadeira 39, da ACL. Após os agradecimentos de praxe, neste, falo de minha patrona: Madre Maria Teodora Voiron, nascida em Chambéry, na França, em 6 de Abril de 1835, precursora que foi dos internatos no Estado de São Paulo para educação das jovens, com apenas 23 anos de idade foi enviada ao Brasil como missionária, onde assumiu a fundação do colégio Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu/SP, em 13/11/1859. E de meu antecessor José Benedito Silveira Peixoto, advogado, intelectual renomado. Em seguida, faço digressão sobre os princípios filosóficos da doutrina cristã que norteiam nossa Academia:

Sócrates, filósofo da Antiguidade, dizia? “*O grande segredo para a plenitude é muito simples: compartilhar*”. Onde, pois, a aplicabilidade deste maravilhoso pensamento, senão numa Academia nomeadamente cristã? Cristã não por princípios religiosos, mas filosóficos da doutrina cristã, como o culto à moral, aos bons costumes, amor ao próximo, caridade e respeito. E onde é possível compartilhar da paciência, do amor fraternal, dos verdadeiros sentimentos do ser humano, do conhecimento e, principalmente, da sabedoria.

Na verdade, uma Academia, na sua acepção originária, há de ser aquele pote no final do arco-íris, onde, com certeza, encontraremos o verdadeiro ouro das reservas intelectuais de um país.

Mais adiante, lembro que na edição do DC de 4/9/2006, foi publicada matéria onde destaquei o seguinte trecho: “*Um país não pode sobreviver por muito tempo sem alguma vida intelectual na qual ele se enxergue e se reconheça como unidade histórica, cultural e espiritual. Isso falta totalmente no Brasil de hoje*”.

Tal me chamou a atenção, pois nem tudo está perdido, eis que há Academias - com a inicial maiúscula - em nosso país. Em São Paulo destaco, dentre outras: a Academia Paulista de Letras, a Academia Paulista de Psicologia, Academia Paulista de Medicina, Academia Paulista de História...

Na oportunidade, conclamei as Academias a se

REGISTROS

unirem em prol da restauração intelectual de nosso país, onde o investimento concreto na educação hoje, já e agora, com entusiasmo de quem realmente quer fazer e faz, conduzirá, com certeza, a um futuro certeza, a um futuro mais ameno.

Hoje, passados quatro anos de minha posse, cujo momento resta indelével em minha mente, e tendo feito parte, logo no início, da Diretoria como Secretária, noto que o convívio com os confrades é um constante aprendizado e estímulo para novos trabalhos, haja vista a publicação de *Poemas Paulistas* e *O Quinto Uni..verso* (este no prelo). Ainda, poemas, artigos e contos calcados nos diálogos construtivos e trabalhos dos confrades, onde, num repente, uma luz se acende na alma do poeta/prosador (inspiração) e ele, então, é obrigado a escrever! Assim tem sido a convivência plena de vontade de construir!

**Membro da Academia Cristã de Letras (Secretária Geral), da Academia Linense de Letras, do Movimento Poético Nacional, da Associação Paulista de Imprensa, do Instituto Histórico e Geográfico de Sorocaba, entre outros.*

40° ANIVERSÁRIO DA ACL

Carlos Rolim Affonso*

“Gostaria, nesta data, de fazer algumas considerações sobre o que penso e levo no meu coração, a respeito de nossa querida Academia cristã de Letras.

Vejam, meus prezados confrades e minhas prezadas confeitras, o momento singular em que ocorre esta festa comemorativa, pois estamos ainda vivenciando o Tempo Pascal, tempo de grande alegria, concomitante ao tempo em que esperamos, entusiasmados, a visita ao Brasil, de sua Santidade, o Papa Bento XVI.

Entendo que estamos como que antegozando o futuro que nos espera, após passarmos desta vida para outra melhor, onde poderemos encontrar o Pai, face a face. Trata-se de um privilégio reservado aos componentes deste sodalício, que buscam, nos seus escritos, impregná-los do verdadeiro espírito Cristão.

É com esse sentimento que procurarei versejar um pouco, posto que para poeta, infelizmente, não tenho vocação:

*Inscrevamos uma nova data no nosso calendário:
o da fundação de uma nova-velha Academia,
Criatã de Letras é o seu principal ideário,
comprometida com o bem comum e com a democracia.*

*Sob a proteção de Francisco de Assis, grande Santo,
tem procurado, com suas ações, bem guardá-lo,
O que fazem todos com rara beleza e encanto,
sem deixar, em todo encontro, de bem reverenciá-lo.*

*Benedito Aranha, saudoso primeiro Presidente,
teve como sucessores nobres cristãos,
que de forma cristalina e evidente,
nunca nos deixaram sós e órfãos.*

*Muitos, felizmente, ainda estão por aqui,
dando sua valiosa e inestimável contribuição,
como os confrades Adolfo Gilioli e Afiz Sadí,
que comparecem, atenciosamente, a toda reunião.*

*Neste sodalício, por Samuel Pfromm fui apresentado,
de quem recebi elogios e saudações sem fim,
que me puseram alegre, porém envergonhado,
uma vez que imerecidas por este Carlos Rolim.*

*Neste momento festivo, peço a todos lembrar,
o quanto esta Academia está perto do céu,
sob a presidência de quem sabe administrar,
tais como: Samuel, Gilioli e Paulo Nathanael.*

*Por ultimo, peço perdão ao poeta Paulo Bonfim,
pois em vão tentei imitá-lo,
sendo o que resta ao acadêmico Rolim,
é tão somente procurar escutá-lo.*

**Membro da Academia Cristã de Letras, da
Academia Paulista de Psicologia, entre outras
entidades.*

ACADEMIAS E ACADÊMICOS

Dom Antonio Maria Mucciolo*

Academias existem no Brasil, e muitas: nacionais, estaduais, municipais. De todas, um único objetivo: descobrir homens e mulheres que se destacaram pela cultura e autoria de obras literárias.

Saliento a Academia cristã de Letras. Sou membro há três anos. Nela encontrei homens e mulheres cultos, literatos, autores de livros.

Ontem, a Academia cristã de Letras esteve sobre a presidência maravilhosa de Dr. Paulo Nathanael Pereira de Souza e, hoje, de Dra. Yvone Capuano.

Nas reuniões mensais, um membro nos brinda com um trabalho, à sua escolha. E esses trabalhos literários têm sido bem variados. Na minha vez, apresentei o tema: “Meios de comunicação – sua origem e atualidade”.

Obrigado, Academia cristã de Letras, que me recebeu como membro. Espero não decepcioná-la e contribuir para seu engrandecimento.

Peço a Deus que abençoe seus membros.

**Membro da Academia de Cristã de Letras e
Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Botucatu/SP.*

O DESAPARECIMENTO DO IDIOMA PORTUGUÊS

Luiz Gonzaga Bertelli

Existem tantos estrangeirismos em uso no nosso vocabulário, que alguns gramáticos proclamam a gradativa extinção do idioma nacional. Nos últimos 300 anos, línguas desapareceram em ritmo acelerado.

Para os estudiosos, o fenômeno atinge o mundo todo, entre outras razões devido à globalização da economia, ao desaparecimento das nações e ao contato com culturas mais desenvolvidas.

Contudo, há outros testemunhos contrários alegando que seria normal e admissível a inclusão de palavras estrangeiras e, dessa forma, não evidenciam razões para qualquer movimento defensivo ou de preservação do vernáculo. Evanildo Bechara, notável filólogo e membro da Academia Brasileira de Letras, considera enriquecedor o processo de incorporação dos estrangeirismos.

‘Não há língua que tenha o seu léxico livre dos estrangeirismos’, assevera. Foi o que aconteceu, como menciona, com a terminologia clássica e introdutória do futebol no Brasil, quando se falava em goal keeper, off side e corner.

Perfil entre os desejosos de maior divulgação da nossa leitura e dos investimentos nas bibliotecas públicas, ao reconhecer que os jovens estão falando e escrevem cada vez pior. Vigora lei que determina haja pelo menos uma biblioteca oficial em todos os municípios brasileiros.

Os alunos, hoje, não sabem mais escrever à mão, nem mesmo separar sílabas. No mundo empresarial, comumente, é aconselhado que o ensino do idioma inglês deveria ser compulsório desde o curso fundamental. Não obstante, o Ministério das Relações Exteriores determinou recentemente que a prova de inglês não seja mais eliminatória no processo de seleção dos candidatos à diplomacia.

A professora Cecília Prada narra que, em encontro com escritores, ouvira a afirmação que o mais importante num livro era o seu conteúdo, pouco importando se bem ou mal escrito, se o vernáculo estava correto ou não.

A professora Cecília Prada narra que, em encontro com escritores, ouvira a afirmação que o mais importante num livro era o seu conteúdo, pouco importando se bem ou mal escrito, se o vernáculo estava correto ou não.

No século 16, o português foi a língua de comunicação internacional, idioma global. À época, 3 milhões falavam português em sua forma arcaica, decorrente dos descobrimentos marítimos e da atuação dos missionários.

São oito as nações de língua portuguesa: Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

A tais países se somam alguns territórios.

Até o agonizar do século 17, apenas uma em três pessoas falava português no Brasil. A preferência dos nativos era o tupi, língua geral dos índios.

Tramita no Congresso Nacional o projeto de autoria do deputado federal e ministro Aldo Rebelo proibindo o emprego dos estrangeirismos, mui especialmente os ingleses.

Se aprovada a lei, deixaríamos de usar expressões inglesas ou americanizadas, como meeting, paper, personal bank, head hunter, playground, delivery, fast food, entre tantas outras.

Alberto Nepomuceno, músico erudito cearense, certa ocasião fez campanha para que as canções fossem cantadas unicamente em português.

‘Não tem pátria ou povo que não canta na sua língua’, dizia. Para o vate luso Fernando Pessoa, Portugal poderia desaparecer, desde que a língua sobrevivesse (‘Minha pátria é a língua portuguesa’).

Nas últimas eleições municipais, não registramos críticas acentuadas aos candidatos por erros gramaticais. Contudo, nos debates tivemos escorregões frequentes em relação à linguagem culta.

Todos os nossos políticos melhorariam se conseguissem ler bons autores. Bastaria meia hora diária de leitura dos nossos principais veículos de comunicação para o domínio da estrutura básica da língua. A maioria dos oradores se perde no improviso, mesmo conhecendo o tema.

Os melhores periódicos brasileiros publicam colunas resolvendo o que há de mais elementar em relação ao idioma. No ginásio estadual de Dois Córregos (SP), onde estudei, o professor Benedito Ortiz, nos tempos em que escolas públicas eram melhores que as particulares, com quatro aulas semanais de português, fazia ler em voz alta, junto com o ensino das regras gramaticais, análise léxica e sintática.

Similar prática de interpretação, em voz alta, adotava o professor de medicina Luiz V. Decourt, um dos criadores do conceituado Incor paulista, juntamente com o consagrado cirurgião E. Zerbini, visando despertar nos futuros médicos o gosto pela literatura.

Inquestionavelmente, a língua materna se aprende (ou melhor, se desenvolve) lendo e escrevendo, isto é, fazendo o uso dela, de preferência com bons padrões como modelo e estímulo.

A preservação do idioma nacional é imperativo, portanto, se pretendemos ocupar um posto de liderança entre os países em desenvolvimento.

Em artigo publicado na Folha de S. Paulo, o professor e acadêmico Arnaldo Niskier adverte sobre o risco de invasão estrangeira e de ausência dos cuidados que quase todos temos ao falar a nossa língua.

Dessa forma, é fundamental a concentração na recuperação do nosso patrimônio lingüístico e na valorização dos nossos escritores e da nossa literatura.

A INTERNET, O PORTUGUÊS E O INTERNETÊS

Helio Begliomini

“A revolução nos meios de comunicação social é simplesmente assustadora e encantadora, sobretudo para quem tem acompanhado desde a época em que só se dispunham do rádio e da televisão em preto e branco, com poucos aparelhos existentes. Assistir televisão não era somente um luxo, mas um acontecimento, em que se reuniam familiares, parentes e vizinhos. Ou para quem é da época em que para se fazer um contato interurbano era necessário a ida a uma cabine telefônica da cidade; a intermediação de uma telefonista que após longo tempo de espera completava a ligação, com qualidade precária do som, acompanhado de ruídos, chiados e reverberações. Ou ainda, se utilizava o Correio para mandar e receber cartas de amor, que sempre demandavam um tempo excessivamente longo para chegar.

Embora esses exemplos sejam do milênio passado, são realidades vividas há menos de quarenta anos!

Não resta nenhuma dúvida de que a era da informática mudou e tem mudado a vida do mundo. Ontem, o analfabeto era quem não sabia ler e escrever. Hoje, já se considera excluído da sociedade quem não tem acesso à Internet. E os países pobres ou em desenvolvimento, particularmente o Brasil, ainda estão longe de vencer a primeira etapa, que independe da custosa tecnologia!

Modestamente, penso que a Internet, na história da civilização, deva ser considerada como um divisor de Eras, tamanho tem sido seus benefícios, modificação e repercussão na vida dos terráqueos. Através dela pode-se informar, ouvir músicas, enviar ou receber fotografias, textos, ou mesmo livros; conhecer museus, adquirir vários bens de consumo; comprar ingressos de espetáculos ou roteiros turísticos; fazer cotações; direcionar-se em grandes metrópoles; obter mapas geográficos; empreender pesquisas várias; realizar transações bancárias, dentre tantos outros predicados.

Infelizmente, também pela Internet, pode-se disseminar a pornografia; estimular a pedofilia; incentivar o preconceito racial; estruturar a logística de crime organizado e a administração do narcotráfico; facilitar a corrupção, dentre tantas outras ações malévolas.

O vernáculo não ficou imune a essas vicissitudes. Em pouco tempo, precisamente no final dos anos 80, portanto, há menos de quatro lustros, tem-se assistido a uma deformação do idioma e o surgimento de uma língua paralela ou mesmo marginal, que é justificada pela sua rapidez e praticidade na comunicação digitada no teclado do computador. Eis a formação do *internetês* – corruptela

do idioma português na Internet –, expresso nos seus dialetos virtuais do *bloguês* e do *orkutês*.

“Naum Sab?” é uma dentre tantas expressões existentes. As principais características desta neo-expressão grafológica são a excessiva abreviação e a exigüidade de vocábulos; as vogais desaparecem; o “há” (agá) substitui os acentos; são utilizados sinais, siglas e símbolos, conhecidos também como *emoticons* – desenhos e fâcies que expressa emoções –, propiciando uma verdadeira transformação (adulteração) das palavras, cuja finalidade é conversar pelo teclado numa velocidade célere e próxima da fala.

Assim, dentro de seu léxico, o “cadê” transforma-se em “KD”; “beijo” em “bjj”; “beijão” em “bjjaum”; “depois” em “dps”; “fique” em “fik”; “você” em “vc”; “não” em “naum”; “e” em “&”; “aqui” em “aki”; “folhas” em “fls”; “até” em “ateh”; “é” em “eh”; “quem” em em”; “saudações” em sds”; “falou” em “flw”; “beleza” em “bls”; “demais” em “d+”; “já” em “jah”, etc., etc. (...)

Postas essas considerações, deve-se perguntar: O *internetês* não estaria colaborando para o mal-aprendizado da língua culta, sobretudo por ser praticado e absorvido por adolescentes que sequer tenham aprendido e sedimentado o português – que não é um idioma fácil –, acrescido do fato de em nossas escolas, particularmente as públicas, apresentarem grandes deficiências no ensino? E aí há duas correntes divergentes de opiniões, não somente entre os jovens, mas também entre os especialistas afins.

Os mais puristas acham que o *internetês* tem agredido ou mesmo assassinado a língua portuguesa em sua gramática, pois a deturpa muito mais ainda do que na forma coloquialmente falada no dia a dia.

Outros alegam que qualquer idioma vivo é necessariamente dinâmico, que muda ao longo do tempo, pois, sendo um fenômeno social, acompanha o desenvolvimento da sociedade. Por conseguinte, acham que o *internetês* seja apenas mais uma forma particular da expressão vernacular.

Embora o *internetês* seja ágil e versátil, pois mescla a escrita formal e informal, além da utilização de sinais e símbolos, ele não é admitido em situações da norma culta de linguagem, tais como provas, exames, palestras, entrevistas, redação de contratos, ofícios, petições... etc., etc.

Será que um adolescente ou um jovem tem plena consciência dessa diferenciação? Estaria o *internetês* prejudicando ainda mais o aprendizado adequado, para não dizer escoreito, do vernáculo? O que você acha?

A fim de favorecer sua reflexão, vale a pena recordar a frase lapidar do célebre escritor português, Fernando Antonio Nogueira Pessoa (1888-1935): “minha pátria é a língua portuguesa”.

AULA DE PORTUGUÊS PRESIDENTE OU PRESIDENTA?

José Verdasca dos Santos*

Devido a sua importância e atualidade (dado que virou modismo no palácio do Planalto tratar a PRESIDENTE por PRESIDENTA), abordamos hoje, de novo, o tema, desenvolvendo a “Lição” original de Antônio d’Almeida, para tentar – de uma vez por todas – esclarecer assunto tão importante quanto polêmico, sobre o qual não deveria haver qualquer dúvida, porquanto – de longa data – se encontrava definitivamente encerrado.

Surgiu, recentemente, e a nível nacional, outra polêmica alimentada pelo Ministério da “Educação”, envolvendo uma obra aprovada e distribuída a milhares de escolas, intitulada “**Por uma vida melhor**”, que – confundindo a LÍNGUA com a FALA – faz a apologia dos IDIOLETOS ou modos específicos de falar de pessoas e mesmo de DIALETOS, esses relativos a grupos, uns e outros sem conhecimento e ou obediência à gramática que ignoram.

Atributo oral e dinâmico das línguas (estas devendo obedecer rigorosamente à gramática, para uma escrita correta e uniforme e uma literatura ídem), a FALA pode variar de indivíduo para indivíduo, de região para região, caracterizando os citados idioletos e dialetos, depois corrigidos na escola e aperfeiçoados pela leitura, pelo que os livros jamais poderão propagar algo que contribua para a deformação da língua que DEVEM ENSINAR.

Em língua portuguesa, temos os **participios ativos como derivativos verbais**. No caso do verbo **atacar**, o **participio ativo** é **ATACANTE**; o **de pedir** é **PEDINTE**; o **de cantar** é **CANTANTE**; o **de existir** é **EXISTENTE**; o **de mendigar** é **MENDICANTE**; o **de mandar** é **MANDANTE**. No caso especial do **verbo SER**, o **participio ativo** é **ENTE** (aquele ou aquela que **É**, aquele ou aquela que existe, aquele ou aquela que tem **ENTIDADE**).

Assim, quando queremos qualificar alguém que exerce e ou tem condições para exercer a ação que um verbo expressa, **há que se adicionar à raiz verbal um dos sufixos ANTE, ENTE ou INTE**. Deste modo, quem **PRESIDE** é **PRESIDENTE** (**jamais “presidenta”**), qualquer que seja o gênero (masculino ou feminino) de quem exerce a função. Do mesmo modo, **CÂMARA ARDENTE** e não **“ARDENTA”**; **ESTUDANTE** e não **ESTUDANTA**; **ADOLESCENTE** e não **ADOLESCENTA**; **PACIENTE** e não **PACIENTA**, etc., etc., etc.

Repare-se no exemplo seguinte (negativo, errado), onde o modo incorreto sobressai, **PARA ILUSTRAR** o que antes se expõe:

A antiga “estudenta” de economia e “combatenta” da guerrilha contra a ditadura, então “adolescente” e muito pouco “paciente” em relação ao autoritarismo, é hoje a nossa “presidenta”, anda sempre muito “elegante”, é simpática e sorridente”; nomeou uma senadora “representanta” do governo no Congresso, que está muito “contenta” com o grupo do qual é “regenta”.

Supomos que – **depois dessa leitura** – acabarão os adeptos da grafia **PRESIDENT(A)**.

PS.: Ao contrário da China, da Índia, da Indonésia e até mesmo de alguns países ibero-americanos, tem o Brasil a sorte de sua população falar um única língua, talvez obra da vinda da Corte Portuguesa, à qual igualmente se deverá a manutenção do gigantesco território unido em um só Estado. Às autoridades constituídas cabe tudo fazer para manter tal união, cujo fator primordial de aglutinação é a língua de Camões.

**Membro da Academia Cristã de Letras, Maceioense de Letras, Paulistana de História, sócio titular da Sociedade de Geografia de Lisboa, das Ordens Nacionais dos Bandeirantes e dos Escritores (atual presidente), Maçônica Internacional de Letras.*

A MECANOGRRAFIA DO MEC

Maria Cecília Naclério Homem

A língua portuguesa do Brasil está muito permissiva, inculta e nivelada por baixo. A língua pode ser algo vivo e sujeito à evolução, e até balbucio junto a algumas camadas menos favorecidas, levando-as ao isolamento. Mas é, principalmente, comunicação e instrumento de trabalho, além de literatura. Assim sendo, o idioma pátrio precisa depender da gramática, instrumento de controle que permite sua padronização e conduz ao coletivo. Ao contrário, as exceções que os gramáticos e dicionários facilmente resolveram consagrar, apontam para o hermetismo e o empobrecimento da língua portuguesa no Brasil, uma vez que ela não está acompanhando a evolução do pensamento filosófico e a tecnologia. Poucas traduções são realizadas nesses campos e, quando existem, são mal realizadas. Nosso idioma corre o risco de se tornar outra língua e de se distanciar do mundo lusófono, uma presença considerável no conjunto das nações, composto por sete países, além de uma série de comunidades existentes no Canadá, Estados Unidos, Argentina, África do Sul, Índia, China, etc. que falam português. Afinal, valorizemos o fato de falarmos uma língua latina. Significa que fazemos parte do Império Romano, o qual, não só foi o maior império da antiguidade como conquistou o futuro, transmitindo até hoje sua produção cultural.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Maria Cecília Naclério Homem*

O português falado no Brasil sofre as conseqüências da decadência da educação, do ensino e da permissividade compensatória da parte dos dicionários e das gramáticas que vêm consagrando os erros os mais corriqueiros, cometidos no âmbito das camadas menos letradas. Por exemplo, palavras como *governanta* e *presidenta* não possuem lógica, pois quem governa é *governante*, quem preside é *presidente*. Mas figuram nos dicionários em formas femininas, apesar de que quem estuda é estudante, e não *estudanta* e quem se ausenta é ausente e não *ausenta*, etc.. A língua é organismo vivo e sujeito à evolução, como propõem os gramáticos e os lingüistas, que aceitam até o balbucio e o erro como forma de expressão e de simplificação. Mas os que se expressam mal estão fadados ao isolamento porque a língua é, principalmente, comunicação e instrumento de trabalho, além de literatura.

Lembremos a frase: “Nóis pega o peixe”, proposta recentemente pelo MEC como modelo de comunicação e apresentada em livro didático, destinado a 500 mil alunos de todo o país. Além de ser gramaticalmente incorreta quanto ao uso do pronome e à conjugação verbal, deixa dúvidas junto ao interlocutor. Podemos facilmente perguntar: - *Pegar o peixe* refere-se ao ato de segurá-lo, prepará-lo ou comê-lo ou, ainda, de pescá-lo? Assim sendo, a língua constitui principalmente comunicação no sentido de atingir o maior número possível de pessoas e, como tal, precisa ser usada corretamente. Para tanto, ela depende da gramática, instrumento de controle que padroniza e conduz ao coletivo, ultrapassando regionalismos e modismos.

A consagração de gírias, de expressões populares e de exceções gramaticais é passível de levar a língua ao hermetismo e ao seu empobrecimento. Entre outros sintomas, são indicativos dessa assertiva a perda quase generalizada da crase – que nos obriga a recorrer à análise lógica para a compreensão do texto e nem todos dispõem dessa ferramenta - e o desuso do pronome reflexivo se, ouvindo-se a toda hora: “*ele aposentou*” em lugar de “*se aposentou*”, ou “*fulana casou com sicrano*”, em lugar de “*casou-se com*”. É recorrente a dificuldade na colocação dos pronomes e no uso do subjuntivo, o qual confere nuance de dúvida ou hipótese. Assim, só temos ouvido ultimamente e até nos programas oferecidos pela imprensa falada, dedicados ao ensino da língua portuguesa: “Se você tem dúvida”, e não “Se você tiver dúvida”, ou “Se você está em casa” e não “Se você estiver em casa”, etc. Sem falarmos nos erros de concordância verbal, observados a toda hora e em todos os lugares. “Nóis é assim...” ou

“a gente vamos...”, o doloroso “com nós”, em lugar de “conosco” ou a vigente lei do mínimo esforço que conduz ao desaparecimento da pronúncia do S, indicativo do plural. Tais erros são observados, de preferência, junto às gerações mais novas, mesmo entre as que passaram pela escola média e pela universidade, indicando a perda da qualidade do ensino.

Acrescentemos que a tendência do brasileiro em aceitar vocábulos e modismos estrangeiros sem se dar ao trabalho de traduzi-los - existindo quase sempre o correspondente na língua pátria – constitui empecilho ao enriquecimento da língua e não o contrário. Por isso mesmo ela apresenta dificuldade em acompanhar a evolução do pensamento quer filosófico, quer científico, tanto mais que as traduções, em geral, deixam a desejar e muitos profissionais realizam o ofício visando à quantidade e não a qualidade. O contrário ocorre nos países hispânicos, onde, de pronto são traduzidos livros científicos, e, com exceção de termos e expressões regionais, a gramática é sempre a mesma, pautada sob a égide da Real Academia Espanhola. De modo que diversos escritores de língua espanhola têm feito jus ao *Prêmio Nobel de Literatura*.

Em suma, urge motivar o aprendizado do idioma nacional, exigir sua melhoria, dando a devida importância às Letras e à Gramática como instrumento de controle que permite sua padronização e chegar ao coletivo. Leituras em voz alta, memorização de trechos literários e de poesias são o primeiro passo para valorizar o ensino da língua pátria.

Caso contrário, ela corre o risco de seguir por outro caminho e de se distanciar do mundo lusófono, o qual, propósito, se recusa a aceitar a nova reforma ortográfica ocorrida recentemente no Brasil. Tanto que os guias turísticos e tradutores de português na Europa e na Ásia estudam o idioma de Portugal e não o do Brasil. Apesar de sermos cerca de duzentos milhões a falar a mesma língua, a nossa é bem mais complexa e irregular.

Afinal, a lusofonia constitui uma presença considerável no conjunto das nações, composto por sete países, além de uma série de comunidades existentes no Canadá, Estados Unidos, Argentina, África do Sul, Índia, China, etc. Valorizemos o fato de falarmos uma língua latina, consubstancial ao Latim quanto à sua estrutura e ao seu vocabulário. Herdeiros que somos de Roma, seu império não só foi o maior da antiguidade como conquistou o futuro, frutificando, ainda hoje, sua consagrada produção cultural.

*Membro da Academia Cristã de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Conselho Cívico e Cultural da Associação Comercial de São Paulo e da Sociedade Veteranos de 32 – MMDC.

LÍNGUA PÁTRIA

OS “LIVRO”?!

Carolina Ramos

Dói no ouvido, não?! Mas, não é para estranhar, pois é justamente isso que nos querem empurrar garganta abaixo! E só há duas opções, aceitar e engolir, ou não aceitar e estrilar. É o que faço, dentro de minha insignificância insatisfeita.

O artigo no plural já define a pluralidade - logo, o **S** da palavra seguinte é perfeitamente dispensável! Esta é a justificativa! Será que entendi errado?! Acho que não. Outros ouvidos mais apurados ouviram o mesmo que eu ouvi e seus fígados tiveram a mesmíssima reação do meu! Não, o do MEC! O Ministério da Educação aprovou! Sim, aprovou dando passagem livre a essa discrepância, que fere fundo a nossa sensibilidade!

E saber que existem tantos assuntos importantes a serem discutidos, a serem resolvidos e que tão poucos se importam com eles! Assuntos eleitoreiros, de brasas sopradas tão somente pelo bafo dos interesses e que, depois, são cobertas, novamente, pela inexpressiva cumplicidade das cinzas! Eis ciclo oportunista, que se repetirá, ao infinito, enquanto a humanidade existir!

Que pena, meu Brasil! Que pena que isto aconteça por aqui! Pena que ambicionem a riqueza do teu solo! Pena que a exuberância da tua natureza seja cobiçada e que o teu futuro seja comprometido pela ação corrupta! Sempre acomodados e permissivos, tudo isto é o que temos aceitado de cabeça baixa, fingindo indiferença e passividade, desprovidos daquele brio nobre que nos incitaria a dar um vigoroso e heróico: Basta!

Mas, enquanto este **basta** não chega, (chegará um dia?!) seguimos displicentes a postergar nossa responsabilidade, a permitir que nossos tesouros continuem a ser devassados e saqueados! Sem nos preocuparmos com o que não é preocupante, porque nossa apatia assim julga! E, é assim que nossos bens materiais e intelectuais vão sendo sub-repticiamente saqueados, na maioria das vezes, com raríssimas exceções, por quem é remunerado, para proteger esses bens e, criminoso, ignora a dignidade desse dever! Por quanto tempo se estenderá esta situação?! Alguém responderá?! E resultante dessa impunidade que atija a ousadia, vemos agora o nosso maior patrimônio, a Língua Pátria, ameaçado por mais um desmando que, pasmem! , encontra respaldo e aceitação dos que têm absoluta obrigação de zelar por ele! Assim, da mesma forma que, em futuro próximo, estaremos falando **tranquilo** como “hablan nuestros hermanos hispánicos”, corremos também o risco de termos de aceitar “**os livro**”, “**as esquisite**”, “**as extravagância**” que nos pretendem

impingir, como beneplácito dos que se deveriam escandalizar ante a afronta à integridade da nossa língua!

Língua reconhecida por todos como riquíssima! Tão rica que chega a facilitar as lides poéticas! E as nossas crianças como ficarão ante este despropósito?! Que caos as espera, uma vez que a própria língua pátria, seu principal veículo de comunicação, para toda vida, já lhes chega profanada a partir da escola?! Desgostosa com esta possibilidade, ousou erguer minha voz, colocando meus pobres recursos linguísticos neste protesto, que, espero, seja alentado por vozes mais expressivas. Que não sejamos, uma vez mais, dolorosamente desrespeitados em nossos direitos de expressão! Chega de absurdos! Cansamos de ser saqueados!

E, assim como a Academia Cristã de Letras de São Paulo vem a público, encampando este meu protesto, é muito importante que entidades congêneras ergam também suas vozes, num repúdio nacional a tão lamentáveis desmandos que atingem frontalmente a todos os que amam as letras e, com toda a propriedade, procuram defender a dignidade da nossa Língua Pátria.



PRESENÇA DIVINA

Antonio Lafayette Natividade Silva*

Desde menino eu vejo nos altares
A imolação do Cristo no madeiro.
Sua Santa presença em muitos lares
Como Mestre e Divino Mensageiro.

Eu vejo a cruz pendendo de colares,
Imagens sob a luz de candeeiro,
Nichos de fé por todos os lugares...
A contrição na prece de um romeiro.

E eu escuto através dos Pregadores,
A exaltação do SÍMBOLO Divino,
A curar em milagres tantas dores!

E sei que tudo pode uma oração.
Mas hoje, vou além desse menino
E entendo Deus, no próprio coração.

**Membro co-fundador e ex-presidente da Academia Cristã de Letras, do Movimento Poético Nacional e da União Brasileira de Trovadores. Também participa de outras entidades culturais. (In: Orvalho de Luz - 2010)*

MEC NÃO QUER ENSINAR

Carlos Alberto Di Franco*

Recentemente, a imprensa noticiou que, para evitar discriminações, o MEC quer renunciar ao dever de ensinar. Por exemplo, entende que pode promover o preconceito a explicação em sala de aula de que a concordância entre artigo e substantivo é uma norma da língua portuguesa. Dessa forma, o MEC aconselha relativizar. Segundo o Ministério, a expressão “os carro” também

seria correta. A sociedade, quando se deu conta do que o MEC estava propondo, foi unânime na sua indignação. Afinal, a oportunidade de aprender bem a sua língua deve ser um direito de todos.

Nesse caso, no entanto, penso que está em jogo mais do que a norma culta da língua portuguesa. Implicitamente, o MEC nos diz: na busca por um “mundo mais justo” (sem preconceitos) pode ser aconselhável dizer algumas mentiras. Na lógica ministerial, o conhecimento é munição para a discriminação.

Vislumbra-se aí uma visão de mundo, na qual o critério político prevaleceria sobre a realidade das coisas, sobre a verdade. E aqui reside o ponto central, cuja discussão é incômoda para uma sociedade que não deseja utilizar o conceito “verdade”. Este seria apropriado apenas para uma agenda conservadora; os contemporâneos já não deveriam utilizá-lo mais.

Outro influente motivo para evitar o uso do conceito “verdade” é a aspiração por liberdade. As “verdades” tolheriam a nossa autonomia, imporiam uns limites indesejáveis; no mínimo acabariam diminuindo a nossa liberdade de pensamento. O MEC – de fato – entende assim: numa sociedade plural, não se poderia ter apenas uma única norma culta para a língua portuguesa. Deixemos os nossos alunos “livres” para escolherem as diversas versões.

Não será que ocorre exatamente o contrário? Quem conhece bem a língua portuguesa tem a liberdade de escolher qual forma – num texto literário, por exemplo – expressa melhor a sua idéia; e pode inclusive abrir mão da norma culta, num determinado momento. Só terá a segurança dessa escolha quem conheça a norma culta; caso contrário, serão tiros no escuro.

Entre liberdade e verdade não vige uma relação dialética. Elas andam juntas. O que pode provocar um antagonismo com a liberdade é uma versão absolutista de verdade, encarnada pelo sujeito que entende ser o “dono da verdade”. Já não será hora de superarmos a disjuntiva moderna, e estabelecermos uma relação amigável com a “verdade”? Não significa fazer um pacto “espiritual” com o universo

ou assinar uma espécie de declaração de alienação, abdicando do uso da inteligência e da crítica. A proposta que aqui se faz nada mais é do que buscar uma relação de honestidade intelectual com a realidade e com os outros.

Aquilo do qual mais nos orgulhamos não foi alcançado brigando com a “verdade”, dizendo que tudo era relativo, que dava na mesma A ou B. Nesta lógica aparentemente ampla – mas que no fundo é estreita (porque não está aberta à realidade e aos outros: impera o subjetivo) – quem ganha é o mais forte. Já não existe um referencial adequado para o diálogo. Ficam as versões. Ficam os discursos. E ficamos à mercê dos Sarneys... e agora também dos Palocis.

Ministério da Educação: os alunos saberão fazer bom uso das regras de português. Não lhes impeça o acesso ao conhecimento e, principalmente, não lhes negue um dos principais motores para o crescimento pessoal: a confiança.

**Membro da Academia Cristã de Letras, Diretor do Master em Jornalismo do Instituto Internacional de Ciências Sociais, e membro de outras entidades da área das Comunicações.*

BENEDICITE

Débora Novaes de Castro*

Bendito seja o mestre, o magnífico jade que reparte o tesouro: os saberes, floradas; benditos: a floresta, o peixe, a caridade, as cachoeiras, o ninho, o azul e as passaradas.

Benditos sejam: em brilho, o sol em majestade a pôr-se atrás do monte em régias alvoradas, as aves, a semente, o fio da água que invade o verdejante vale e o recorta em aguadas.

E benditos: a pedra, o monte que insepulto, o abismo, a rosa, o dia, a soluçante estrela, a concha do oceano, o fragor da batalha.

Benditos: céus, a terra, os seres, nobre culto, trabalho, o vento, a lua, um gosto só de vê-la, e Deus que loura o trigo e as almas agasalha!

**Membro da Academia Cristã de Letras, Academia Paulista Evangélica de Letras, Ac. Brasileira de Lit. Infantil e Juvenil, União Brasileira de Escritores, entre outras. (In: MARES AFORA... 2010)*

REGISTROS

PREFÁCIO...*

Genésio Cândido Pereira Filho*

(...) É preciso dizer, de início, que CAROLINA RAMOS não luta por glória pessoal, mas por ideais que elegeu. Ideais que norteiam sua vida. “Aquila non capit muscas”, por isso CAROLINA RAMOS não perde tempo com caminhadas em planícies. Até o quadrisílabo diminutivo de seu nome nos conduz às origens teutônicas de um pequeno lavrador que transmutou em magnífico jardim uma pequena área de terra. VIDA revestida de perenidade de valores em um mundo que, contraditoriamente, elege como trunfos de personalidade humana a efemeridade das coisas e o predomínio do materialismo sobre IDEAIS PERMANENTES.

Aí está a HISTÓRIA a testemunhar os descaminhos humanos. Descaminhos amargos e tristes. Sendas horizontais que negam a verticalidade do destino humano. CAROLINA RAMOS compreendeu que as metas estão distantes, às vezes até mesmo no Infinito. Mas é preciso decidir logo, porque os caminhos estão bem perto, à vista de todos nós. A indecisão pode ser mortal. Desde o suposto primeiro e sangrento embate entre homens, no Vale do Nilo, no Sudão, busca a criatura humana os descaminhos da violência para solução de seus problemas. É a busca do Zênite pelo Nadir. Por que preferir charcos a estrelas? A vitória humana não repousa sobre bens materiais e efêmeros, mas sobre as conquistas do espírito. Este traz a PAZ, porque a solução está nos reais valores humanos.

É preciso evitar que “a letra que mata substitua o espírito que vivifica”, como ensina MIGUEL OXIACAN em “La Meta y el Camino”. Só é verdadeiro intelectual aquele que tem uma META e escolhe um CAMINHO. Este caminho está na revolução das ideias, incruentas mas corajosa. Trai sua natureza humana e seus valores espirituais o intelectual que palmilha descaminhos, traição maior daquele que peca pelo silêncio.

E “a letra que mata” é a má literatura. Basta um olhar sobre o panorama literário mundial: livros, panfletos, folhetos, tudo parece arrastar o HOMEM para o Mal, para a horizontalidade. Quando menos, revelam mediocridade, vaidades, ignorância.

E os meios de comunicação? A Imprensa, o Rádio, a Televisão e até a Internet parecem percorrer as sendas do Mal. Por isso o Ser Humano acredita mais nas Mentiras do que nas Verdades. Aquelas ocultam ilusões de falsas realidades, enquanto as Verdades são os caminhos da LIBERDADE.

Caminhos que envolvem, sobretudo, Batalhas: não de batalhões ou armadas, mas as dos sonhos e do Amor; como diz FRANZ TOUSSAINT em “Le Jardin des Caresses”:

“Je pensais au silence de deux armées qui vont se livrer bataille.

J’ ai livré la bataille d’ amour.”

E quem deseja palmilhar os caminhos da Liberdade, deve lembrar HERMANN HESSE em “Caminhada”:

“...é o desdém pelas fronteiras e pela vida sedentária que torna seres como eu os guias do futuro. Se existissem muitas pessoas nas quais moraria um tão profundo desprezo pelas fronteiras, como em mim, então não existiriam mais guerras nem bloqueios. Não há nada mais detestável do que fronteiras...”

O caminho do Sonhador “não segue nem para a direita, nem para a esquerda, leva ao próprio coração onde, e só lá, está Deus e existe paz.”

“O Ser perfeito... o verdadeiro andarilho, nunca deveria nem conhecer a saudade.”

E acrescento eu, neste prefácio: O Poeta é um andarilho: a ele bastam uma sandália e um alforje. (...)

**Membro da Academia Cristã de Letras, de São Paulo e de Campos do Jordão, da Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras (Anápolis-Goiás), e outras entidades.*

**Trechos do Prefácio do livro Liberdade... Sonho de todos! de Carolina Ramos - 2010*

ESPERANÇA

Rosa Maria Custodio*

Luz que vem de dentro
do infinito do meu ser
teu nome é esperança
- desejo de viver!
Ilumina meu caminho
neste longo entardecer.

Se encontro pedras
e me firo nos espinhos,
não me deixes esquecer
que existem flores,
doces cheiros e carinhos,
que alegam meu viver.

Se o dia virar noite
e a alma entristecer
não deixe que a tristeza
me faça esmorecer.
Acalenta este meu sonho
de abraçar o mundo inteiro
e cantar até morrer.

Luz que vem de dentro
do infinito vir a ser
teu nome é esperança
- desejo de viver!
Direciona meu destino
na canção do renascer.

**Membro da Academia Cristã de Letras, Academia Linense de Letras, Associação Paulista de Imprensa, Movimento Poético Nacional, Movimento Mulheres da Verdade e Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica.*

COPA DO MUNDO E RECURSOS PÚBLICOS

Ruy Martins Altenfelder Silva



Num país em que a saúde, a educação e outros serviços essenciais deixam muito a desejar, é ético que os escassos recursos públicos sejam utilizados para pagar a construção de estádios que sediarão alguns dos 64 jogos da Copa do Mundo de Futebol de 2014?

A resposta deve preceder de análise equilibrada do orçamento do País.

O Prof. Ives Gandra da Silva Martins, em recente trabalho mostra que apesar de a carga tributária atingir a preocupante marca de 37% do PIB, uma fatia de R\$183 bi/ano e destinada para remunerar os menos 1 milhão de servidores federais que recebem vencimentos e aposentadorias muito superiores aos dos cidadãos do setor privado. Esse montante pode ser comparável com o Bolsa Família: R\$ 12 milhões/ano para atender 11 milhões de brasileiros.

Os contribuintes brasileiros não recebem a contra partida de serviços públicos a que tem direito pelo que pagam de impostos.

Se o Governo gastasse menos com custeio da máquina e com mão de obra oficial, o País teria um desenvolvimento socioeconômico bem maior e mais justo.

Infelizmente não é o que ocorre.

Inobstante, preocupam os gastos oficiais para que o Brasil sedie a próxima Copa do Mundo de Futebol. Segundo cálculos já divulgados, a previsão de gastos com construção e reforma dos 12 estádios indicados para a realização dos 64 jogos já saltou de 1,9 bi para 5,1 bilhões de reais (a arena paulista não foi incluída nessa conta) entre 2007 e 2010.

Incluindo as obras de infra-estrutura (aeroportos, malha viária, hotelaria, treinamento de mão de obra, segurança, etc.) o investimento previsto oficialmente deve alcançar os 33 bilhões, com pouco mais de 10% bancados pelo Setor Privado e o restante saindo dos cofres públicos, na forma de aplicação direta; financiamento oficial em condições favorecidas ou renúncia de tributos.

Por tudo isso, comprometer recursos públicos para construção de estádios representa desvio de dinheiro para as atividades públicas essenciais. Recursos públicos para esse fim, nunca!

O GOL CONTRA DA ACADEMIA!

Lázaro Piunti



A Academia Brasileira de Letras acaba de praticar uma iniquidade cultural. Em linguagem futebolística, foi um gol contra.

Os imortais da ABL concederam a histórica medalha “Machado de Assis”, ao booleiro “Ronaldinho Gaúcho”.

Quais os méritos literários do homenageado? Ao que consta, a motivação deriva do fato de ele envergar – sem brilho – a jaqueta de um grande clube carioca. Por acaso, é uma associação desportiva que, mesmo reunindo o maior número de adeptos no Brasil, sequer conseguiu construir estádio próprio, em sua marcha centenária. Mas esse é outro assunto.

Que o Flamengo tem força política é indiscutível. Mesmo na condição de devedor contumaz da previdência social, se beneficiou por décadas de recursos públicos, mediante propaganda da Petrobrás em seu uniforme. É vedado a inadimplente junto à União o gozo de benefícios da espécie (Lei de Responsabilidade Fiscal). Ora, se o Flamengo obtinha até recentemente vantagens oficiais, mesmo inadimplente, fácil seria sensibilizar a Academia Brasileira de Letras.

Em síntese, simplesmente ridícula a outorga da medalha. Machado de Assis não merecia essa desfeita. Proclame-se, pelo menos, a verdade confessada pelo recipiendário ao agradecer aos nobres confrades do contubérnio. Entre uma garfada e outra no lauto almoço a ele oferecido, Ronaldinho foi humilde ao dizer que a partir de agora se sentirá estimulado a ler.

A legendária ABL recebe generosos recursos do governo. Não tem o direito de praticar tamanha heresia. Mas que esperar de um País em que o MEC (Ministério dos Erros Ortográficos), brinca com coisa séria?

Sugiro como alternativa seja entupida a caixa de e-mails do conspícuo sodalício, de mensagens de protesto. Cívicos, porém ácidos.



AGENDA



O CANAL DA FAMÍLIA

A REDE VIDA de televisão está presente em todo território nacional e transmite suas programações através do sinal aberto (VHF-UHF). Atende à todas as capitais brasileiras e às 500 maiores cidades do país.

Neste ano de 2011 o CANAL DA FAMÍLIA estará com o sistema digital de Televisão implantado em todas as capitais brasileiras e nas 20 principais cidades do interior do estado de São Paulo, beneficiando mais de 55 milhões de habitantes com um sinal de alta qualidade.

O guia completo de programas que compõem a grade de programação da REDE VIDA pode ser encontrado no site www.redevida.com.br

REDE VIDA UMA HISTÓRIA DE SUCESSO

Tudo começou na cidade de Barretos, terra de boiadeiro, interior de São Paulo, onde nasceu o jornalista João Monteiro de Barros Filho, fundador da REDE VIDA – a maior rede católica de televisão do mundo. Isso aconteceu na época do governo José Sarney, quando havia uma disputa acirrada pelo canal 11 de São José do Rio Preto. Naquela época, o jornalista João Monteiro representava o segmento mais fraco, mas sua fé era inabalável. Apenas por um milagre conseguiria vencer a disputa e este milagre aconteceu. Depois, ele precisava convencer a CNBB a aprovar seu projeto, e conseguiu duas adesões muito importantes, a do arcebispo metropolitano de Botucatu, Dom Antonio Maria Mucciolo e a do arcebispo de Mariana, Dom Luciano Mendes de Almeida.

O trabalho a ser realizado estava apenas começando. Por sugestão de Dom Luciano Mendes de Almeida, em 17 de dezembro de 1992, Monteiro Filho fundou o *Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã (INBRAC)*, com estatutos sugeridos pelo professor Celso Neves e pelo jurista João Grandino Rodas. O Inbrac foi criado para administrar a nova emissora de televisão.

Com a concessão aprovada pelo Congresso Nacional e com o Imbrac formado, o jornalista João Monteiro de Barros Filho se empenhou na busca de investidores, parceiros católicos e patrocinadores, para fazer seu projeto decolar e levar ao ar a emissora católica. Era necessário que outro milagre acontecesse. E aconteceu no Natal de 1994, quando o arcebispo de Botucatu recebeu um telefonema de Andrade Vieira, anunciando

que o Bamerindus seria o primeiro anunciante da REDE VIDA, e que pagaria os anúncios antecipadamente.

“O banco foi o primeiro anunciante da REDE VIDA e com a verba pudemos lançar a TV num prédio moderno em Rio Preto” relembra seu fundador, João Monteiro de Barros Filho. E acrescenta: “Sempre fui um homem de fé e guardei as lições de minha mãe Inês Monteiro. Também fiz o cursinho de cristandade em Aparecida, a convite do Padre Gabriel Correr”

JOÃO MONTEIRO DE BARROS FILHO* UM EXEMPLO DE TRABALHO E PERSISTÊNCIA

João Monteiro é, também, fundador e presidente do Jornal O DIÁRIO de Barretos. Incentivado por amigos, radialistas e jornalistas, ele fundou o jornal no dia 1º de abril de 1969 com o lema “no dia da mentira, uma grande verdade”. Contou com a colaboração de uma equipe de experientes jornalistas e gráficos para dar vida ao projeto. Seu braço direito, no processo de instalação, foi o jornalista Joel Waldo Dal Moro, que comandou a redação por mais de 10 anos.

O parque gráfico se expandiu e mudou de endereço na década de 90. E o jornal O DIÁRIO de Barretos iniciou o novo milênio com nova paginação e edições ampliadas e coloridas. Ao longo de sua existência, o jornal se destaca como a *expressão da cultura barretense*, valorizando a informação e a formação. Seus objetivos e metas são traçados com coragem, vontade e esperança, seguindo ideologia bem elaborada pelo jornalista e fundador, João Monteiro de Barros Filho, e com bases cristãs, por influência de Dom José de Mattos Pereira e Dom Antonio Maria Mucciolo. Com espírito multidisciplinar, O DIÁRIO acumulou condições técnicas, operacionais e autoridade crítica para “atender às necessidades do cidadão barretense”, lutando pela democracia, defendendo a justiça e a liberdade, alimentando a paz.

Foi a partir de O DIÁRIO, fazendo coro com a Independente AM, que a organização Monteiro de Barros desenvolveu seu projeto de comunicação social: foram instaladas as emissoras Sistema FM, Independente FM e Colina FM. A Rádio Barretos AM também foi incorporada à organização.

Em 20 de junho de 1995, o jornalista Monteiro Filho ingressou no sistema de televisão. Ao completar 40 anos na radiodifusão, completou o sonho de instalar uma rede de TV dedicada à família brasileira - sua atuação é um exemplo de trabalho e persistência.

*Esta edição do JORNAL DA ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS contou com o apoio da REDE VIDA, por intermédio de seu fundador e presidente, Acadêmico da ACL (titular da cadeira 27), João Monteiro de Barros Filho.